



Movimento decolonial em uma experiência de ensino

Juliane Prestes Meotti (PG)*, Valéria Rosa da Silva (PQ)

e-mail: julianemeotti@hotmail.com

Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Transdisciplinaridade e interdisciplinaridade na Educação, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pirenópolis/GO.

Resumo: A presente pesquisa em andamento pretende estudar a pedagogia ecossistêmica, no contexto aplicado à uma escola de educação básica da rede particular de ensino, localizada na cidade de Pirenópolis/GO, partindo do pressuposto de que a teoria da complexidade e o pensamento ecossistêmico convergem em muitos pontos com a perspectiva decolonial. Dentre eles, destaco o epistemológico, o pedagógico, o histórico e o político. Além da práxis pedagógica, serão analisados o material didático adotado pela escola, bem como os projetos *Ser no social* e o *Ser na tradição* desenvolvidos durante o primeiro semestre letivo. Estudiosos como Mignolo (2008), Walsh (2004) e Moraes (2008) ressaltam a urgência em buscar transformações no campo educacional, partindo da concepção de que o ensino, nos parâmetros atuais, não atende às demandas contemporâneas do mundo globalizado em que vivemos. Este estudo evidencia que transformações significativas já têm acontecido, embora ainda de maneira sucinta e pouco divulgada. O viés transformativo que destacamos será denominado como *movimento decolonial* e, assim como a pedagogia ecossistêmica, rompe com o paradigma moderno fundado na racionalidade e em binarismos dicotômicos.

Palavras-chave: Pedagogia ecossistêmica. Pedagogia decolonial. Práxis pedagógica.

Introdução

A pedagogia ecossistêmica surgiu de um movimento prático/teórico na Escola Vivência Infantil, Lazer e Aprendizagem (VILA), na cidade de Fortaleza – CE. Foi desenvolvido em 1981 por Fátima Limaverde, que é educadora e fundadora da escola. Moraes (2008) descreve o contexto do nascimento da VILA como uma prática impregnada de uma nova consciência voltada para transformar o humano do ser humano, nutrida por uma forma diferenciada de pensamento, o qual não é preciso fragmentar a vida, separar o indivíduo, a sociedade e a natureza, o corpo a mente e o espírito. Limaverde (2015, p. 220) destaca que seu principal foco é “reconhecer a interdependência entre os seres, processos, culturas”. Dessa maneira, atua como um contraponto ao que a autora denomina como pensamento da disjunção, que reside no espírito científico cartesiano de caráter descontextualizado e neutro.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Como uma teoria pedagógica, o pensamento ecossistêmico une-se aos princípios da complexidade e da decolonialidade ao sugerir a superação do modo de pensar dicotômico, propondo a religação dos saberes compartimentados em disciplinas, que só podem ser compreendidos a partir da sua relação com o todo de forma contextualizada. Dessa maneira, os conhecimentos e saberes são contextualizados e historicizados, pois carregam marcas geohistóricas, políticas e culturais, ou seja, têm valor, cor e lugar de origem (WALSH, 2004).

A decolonialidade é um movimento surgido através de um círculo de pesquisa na América Latina conhecido como Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) constituído por intelectuais latino-americanos na década de 1990. De acordo com Ballestrin (2013), o M/C problematiza algumas questões epistêmicas, teóricas e políticas oferecendo releituras históricas acerca do processo de colonização nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva. A colonialidade é uma marca que povos historicamente colonizados carregam mesmo após o processo de emancipação territorial de seus colonizadores. Vale dizer que os termos colonização e colonialidade estão relacionados entre si, porém, assumem concepções distintas. Colonização compreende ao processo histórico de expansão territorial europeia que diz respeito a dominação, exploração e controle dos povos colonizados.

Bragatto (2014, p. 33) comenta que a hegemonia europeia sobre o resto mundo se deu às custas das relações de poder advindas do “controle das formas de produção econômica (trabalho e recursos naturais), de construção de conhecimento (ciência como única forma legítima de saber) e da essencialização das identidades subjetivas (raça e gênero como elementos centrais de negação da humanidade).” Portanto, a colonização não aconteceu somente na perspectiva geográfica, mas também, no controle de todas as formas de subjetividade e da produção de conhecimento.

Material e Métodos

No desenvolvimento do trabalho em questão serão necessários além de uma revisão bibliográfica detalhada e concisa, momentos de observação da práxis escolar, entrevistas e/ou questionários com as professoras da escola e a análise do livro didático proposto pela pedagogia ecossistêmica. Após a geração do material de



pesquisa, será necessária uma reflexão acerca da proposta pedagógica e sua relação com a decolonialidade baseando-se na fundamentação teórica realizada durante a pesquisa bibliográfica. Dessa forma, uma variedade de instrumentos e referenciais teóricos são utilizados para acessar e construir interpretações múltiplas sobre o mesmo fenômeno.

Resultados e Discussão

Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, as discussões aqui apresentadas encontram-se ainda em fase inicial. Porém, é possível afirmar que a pedagogia ecossistêmica aponta caminhos para uma pedagogia decolonial em uma experiência concreta de ensino, como é o caso da escola em foco neste estudo.

Considerações Finais

Consideramos que essa pesquisa contribui com as discussões acerca da práxis decolonial. Sendo uma pesquisa ainda em andamento pretendemos discutir pontos de convergência e tensão entre as teorias e apontar possíveis caminhos para uma pedagogia decolonial.

Agradecimentos

Primeiramente, agradecemos à Universidade Estadual de Goiás por oferecer-nos esta oportunidade de participar de um congresso de tamanha importância. Agradecemos também à escola pesquisada pela receptividade e cooperação para o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. Decolonial turn and Latin America. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BRAGATO, Fernanda Frizzo. Para além do discurso eurocêntrico dos direitos humanos: contribuições da descolonialidade. **Novos estudos jurídicos**. 2014

LIMAVERDE, P. **Pedagogia ecossistêmica**: educação transdisciplinar da Escola Vila. Fortaleza: Editora da Vila, 2015. Disponível em: <http://www.escolavila.com.br>

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008

MORAES, M. C. O pensamento ecossistêmico na aprendizagem e na pesquisa educacional. In OKADA, A. (Org.). **Cartografia cognitiva: Mapas do conhecimento para pesquisa, aprendizagem e formação docente**. Cuiabá: KCM, 2008.

WALSH, C. Políticas (inter)culturales y gobiernos locales: experiencias ecuatorianas. In: **Políticas culturales urbanas: experiencias europeas y americanas**. Bogotá, IDC/ Alcádia Mayor. 2004.